



**KATHLEEN MIRANDA CUNHA DE OLIVEIRA  
RANNI CHIARA ZANETTI CRISTO**

***BULLYING, IMAGEM CORPORAL E  
COMPORTAMENTOS EXTREMOS PARA CONTROLE  
DE PESO ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS:  
PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR 2019***

**LAVRAS - MG**

**2023**

**KATHLEEN MIRANDA CUNHA DE OLIVEIRA  
RANNI CHIARA ZANETTI CRISTO**

***BULLYING, IMAGEM CORPORAL E COMPORTAMENTOS EXTREMOS PARA  
CONTROLE DE PESO ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS: PESQUISA  
NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR 2019***

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Lavras, como parte das exigências do  
Curso de Nutrição para a obtenção do  
título de Bacharel.

Profa. Dra. Carolina Martins dos Santos Chagas  
Orientadora  
Profa. Dra. Nathália Luíza Ferreira  
Coorientadora

**LAVRAS - MG  
2023**

## RESUMO

**Introdução:** A adolescência é um período central na construção da identidade por meio das relações sociais. Neste contexto, têm sido frequentes situações de *bullying*, podendo gerar inúmeras repercussões na saúde física e mental, inclusive na percepção da imagem corporal e na adoção de atitudes extremas em relação ao corpo. **Objetivo:** Analisar a prevalência de *bullying* e sua associação com fatores sociodemográficos, imagem corporal, comportamentos extremos em relação ao peso corporal e indicadores de saúde mental entre adolescentes brasileiros. **Métodos:** Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019 foram utilizados como base deste estudo transversal. Dados foram coletados a partir de questionário autoaplicado e digital, durante o período escolar. Foram analisados dados de estudantes com 13 a 17 anos, incluindo dados sociodemográficos, sobre imagem corporal, saúde mental, situações em casa e na escola e segurança, bem como a relação destes com o *bullying*. O *software* SPSS 22.0 foi utilizado para a análise de dados, com apresentação de frequências absolutas e relativas, intervalos de confiança de 95% (IC95%) e teste Qui-Quadrado ( $p < 0,05$ ), considerando o desenho amostral complexo. **Resultados:** Dados de 125.123 estudantes foram analisados, dentre os quais 50,7% eram do sexo feminino. Ter sofrido *bullying* no mês anterior foi mais frequente entre as meninas e entre os adolescentes de 13 a 15 anos, se associando também à maior prevalência de insatisfação corporal, atitudes e práticas extremas para controle de peso, não ter amigos, sentimento de tristeza e de que a vida não vale a pena ser vivida, brigas e agressões físicas, faltar às aulas, ser ignorado pelos colegas, ser alvo de *cyberbullying* e praticar *bullying* ( $p < 0,001$ ). **Conclusão:** A prevalência de *bullying* foi alarmante, sobretudo entre as meninas e os adolescentes mais novos. Esta prática esteve associada a inúmeros aspectos, como insatisfação com imagem corporal, tentativas de mudança e práticas extremas para controle do peso, sentimentos de tristeza e desesperança, isolamento dos colegas, brigas, agressões e prática de *bullying*. Diante deste quadro, torna-se crucial o fomento de abordagens intersetoriais preventivas e educativas, e que envolvam equipes multiprofissionais, de maneira a abarcar a complexidade envolvida e se alcançar maior efetividade nas intervenções.

**Palavras-chave:** Nutrição do adolescente; Relações interpessoais; Preconceito de peso; Bullying; Imagem corporal; Comportamento alimentar

## INTRODUÇÃO

A adolescência é um ciclo da vida que compreende a faixa de 10 aos 19 anos incompletos de idade, e é caracterizado por grandes transformações físicas, comportamentais e hormonais. Tem como uma de suas particularidades a construção da identidade a partir das relações sociais, que gradativamente se intensificam, sendo frequentes a busca por pertencimento a um grupo e a adoção de determinados comportamentos por ele orientados (FERREIRA, 2017; OMS, 2014). Neste contexto, são comuns situações diversas em que os adolescentes sentem-se excluídos por não atenderem às expectativas do grupo, sendo o ambiente escolar constantemente relatado como cenário de práticas discriminatórias, inclusive impulsionadas por questões estéticas (MALTA et al., 2010).

Em relação à estética e à forma corporal, é importante salientar que essa faixa etária abarca indivíduos que estão em diferentes graus de maturação sexual, com consequentes variações fenotípicas e de desenvolvimento de caracteres sexuais (OMS, 2014). É especialmente na fase que antecede o estirão de crescimento, em que ocorre um maior ganho de peso visando uma reserva energética, que os adolescentes, por vezes, mudam de classificação do estado nutricional, podendo migrar de eutrofia para sobrepeso, por exemplo, e sentem-se aquém de um “padrão” corporal para a idade (SENNA et al., 2015). Paralelamente, há os adolescentes que sentem-se insatisfeitos com sua imagem corporal por desejarem uma estrutura física maior, o que é especialmente comum entre os meninos e aqueles que estão passando pelo estirão de crescimento (BRAGA, et al., 2010; CARVALHO et al., 2020; PETROSKI et al., 2012; REIGADO et al., 2022).

Por vezes, esta percepção de “desajuste” ao “padrão” corporal imposto, seja ele pautado na magreza ou em um somatótipo atlético, torna-se alvo de práticas estigmatizantes construídas e fomentadas socialmente, que atribuem aos indivíduos características negativas e pejorativas, unicamente em razão de sua forma ou peso corporal. Este cenário pode repercutir negativamente na forma como o adolescente se vê e interage com seu meio social (VILHENA et al., 2008; PETROSKI et al., 2012; CARVALHO et al., 2020; BRASIL, 2022b; REIGADO et al., 2022).

Em um contexto discriminatório, experienciar o excesso de peso ou uma menor taxa de desenvolvimento corporal durante a adolescência, pode gerar impactos psicológicos que repercutem na maneira em que o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com os demais, comprometendo sua socialização, construção de vínculo, autocuidado, adoção de determinadas práticas alimentares e até mesmo a dignidade do adolescente (BRASIL, 2022a; CARVALHO et al., 2020; TAROZO & PESSA, 2020).

Na literatura, denomina-se o conjunto de diferentes atitudes discriminatórias como *bullying*. Estas englobam práticas como intimidação, humilhação, denominações pejorativas, abusos verbais e físicos, exclusão e isolamento social (MALTA et al., 2010). Tais ações, quando diretamente relacionadas à forma física ou ao excesso de peso corporal, passam a configurar o conceito de gordofobia (BRASIL, 2022b). Ao mesmo passo que aqueles considerados muito magros e também à margem do padrão, podem ser alvos de *bullying* e desejarem ter corpos mais atléticos (KUBOTA, 2014).

Tendo em vista a necessidade de enquadre grupal e a busca em atender ao padrão físico imposto e aceito pela sociedade, adolescentes que são focos de práticas de *bullying* podem se tornar mais propensos à adoção de atitudes extremas em relação à imagem e ao peso corporal (BRASIL, 2022a; CARVALHO et al., 2020; REIGADO et al., 2022). Estas podem incluir restrição alimentar, prática extenuante de exercício físico, indução de vômito, uso de produtos laxativos, dentre outras (REIGADO et al., 2022; SENNA et al., 2015; VILHENA et al., 2008). Partindo da potencial gravidade destes comportamentos, torna-se de grande importância ampliar as investigações sobre a ocorrência dessas práticas e sua relação com a vivência de *bullying* entre os adolescentes brasileiros.

Nessa perspectiva, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019 possui grande contribuição para geração de um corpo mais robusto de evidências sobre comportamentos de risco e proteção entre adolescentes brasileiros, incluindo aspectos relacionados ao *bullying*, às relações interpessoais, à imagem corporal, ao peso corporal e às ações adotadas como reflexo da insatisfação corporal (IBGE, 2021). A análise de seus resultados pode favorecer a elucidação do tema, assim como promover ancoragem técnica-científica para subsidiar o desenvolvimento de políticas e programas públicos na tentativa de minimização do quadro. Portanto, o objetivo do presente estudo foi analisar a prevalência de *bullying* e sua associação com fatores sociodemográficos, comportamentos extremos em relação ao peso corporal, imagem corporal e indicadores de saúde mental entre adolescentes avaliados na PeNSE 2019.

## **MÉTODOS**

Trata-se de um estudo transversal, realizado com dados derivados da quarta edição da PeNSE, desenvolvida em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde e apoio do Ministério da Educação (IBGE, 2021).

## **População de estudo, amostragem e coleta de dados**

Com base nas informações disponíveis do Censo Escolar de 2017, o plano amostral da pesquisa foi estabelecido a partir de conglomerados em dois estágios. As escolas corresponderam ao primeiro estágio de seleção e as turmas de alunos matriculados ao segundo, sendo a amostra da pesquisa representada pelo conjunto dos estudantes das turmas selecionadas (IBGE, 2021).

Na edição de 2019, a amostra foi ampliada, sendo possível a análise de dados de escolares de 13 a 17 anos de idade das redes de ensino pública e privada com pelo menos 20 alunos matriculados, de todo território nacional, abrangendo estudantes do 7º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio (IBGE, 2021).

O dimensionamento da amostra para estimar parâmetros populacionais considerou os seguintes níveis geográficos: Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação (UF), Municípios das Capitais e Distrito Federal (DF). Na pesquisa, para a estratificação das escolas, foram consideradas sua localização geográfica (capitais das UF e não capitais) e dependência administrativa (públicas/privadas). Assim, 53 estratos geográficos foram formados, sendo dois deles para cada uma das 26 UFs e um para o DF. Ademais, foram criadas categorias relativas à dependência administrativa em cada estrato geográfico, totalizando 106 estratos de dimensionamento (IBGE, 2021).

Estratos de alocação baseados nas faixas de tamanho das escolas foram criados para a seleção de turmas. Nesta edição da pesquisa, o número de turmas selecionadas seguiu o seguinte critério: para escolas com até 10 turmas foi selecionada 1 turma; nas unidades escolares com 11 a 20 turmas foram selecionadas 2 turmas; para escolas com 21 a 50 turmas foram selecionadas 3 turmas; e nas situações com mais de 50 turmas foram selecionadas 4 turmas. Diante disso, cada estrato de dimensionamento poderia conter até quatro estratos de alocação, em virtude do tamanho de suas escolas (IBGE, 2021).

Na PeNSE 2019, não houve recusas das escolas selecionadas para participar da pesquisa. Do total de 4.253 escolas, os dados de 4.242 foram analisados, por motivos logísticos, incluindo escolas desativadas ou impedidas, sem turmas elegíveis e outras que tiveram seus dados descartados após coleta de dados, sendo por perda de informações ou por baixo número de questionários válidos em relação ao total de alunos frequentes. Questionários de 159.245 estudantes foram considerados válidos, ou seja, continham o registro do consentimento do estudante em participar da pesquisa, além das informações sobre sexo e idade. Apenas as turmas que atingiram requisitos mínimos para aproveitamento foram considerados (concordância em participar da pesquisa, sexo e idade do escolar).

Diante disso, foram analisados 125.123 destes questionários (IBGE, 2021).

### **Coleta e organização dos dados**

A coleta de dados foi realizada de abril a setembro de 2019 nas próprias escolas, por intermédio de um Dispositivo Móvel de Coleta (DMC) que corresponde a um *smartphone*, onde foram inseridos dois questionários estruturados. O primeiro, o *Questionário do Aluno*, é autoaplicável e continha perguntas relacionadas a dados sociodemográficos, alimentação, atividade física, uso de cigarro, bebidas alcoólicas e outras drogas, situações em casa e na escola, saúde mental, segurança, imagem corporal, dentre outros. Este questionário contava, ainda, com ícone de ajuda com esclarecimentos adicionais ou exemplos, no formato de imagem ou texto, para facilitar o entendimento dos estudantes. Já o *Questionário do Ambiente Escolar* era preenchido pelo(a) diretor(a) ou responsável da escola selecionada ou pelo técnico do IBGE mediante solicitação, e abrangeu perguntas relacionadas a informações gerais, atividade física, alimentação, saneamento básico e higiene, segurança e políticas de saúde (IBGE, 2021).

No presente estudo, foram analisados os dados de estudantes de 13 a 17 anos de idade coletados pela PeNSE 2019, conforme a metodologia validada em seu relatório (IBGE, 2021). Diante das informações disponíveis, foram analisadas as seguintes variáveis: imagem corporal, práticas extremas para controle de peso, saúde mental, socialização, situações em casa e na escola, segurança e *bullying*. As questões e as respectivas opções de respostas são apresentadas no Quadro 1.

Para a avaliação da saúde mental e da socialização, foram investigados a frequência em que o adolescente se sentiu triste e que a vida não valia a pena, bem como o número de amigos próximos. No que diz respeito à questão da segurança, investigou-se o envolvimento em brigas nos últimos 30 dias (Quadro 1).

Já as informações sobre situações em casa e na escola contemplaram o número de dias em que o estudante faltou à escola sem permissão dos pais/responsáveis no último mês, assim como questões relacionadas ao *bullying*. A ocorrência destas práticas e suas motivações, a recusa dos colegas em falar com o adolescente, a ocorrência de violência física advinda de colegas da escola, as ameaças ou intimidações nas mídias sociais, e por fim, a prática de *bullying* pelo próprio adolescente entrevistado, também foram avaliadas (Quadro 1).

Adicionalmente, complementaram o conjunto de dados da PeNSE 2019 de interesse do presente estudo as variáveis sociodemográficas dos escolares, sendo estas: sexo

(masculino/ feminino); faixa etária (13-15 anos/ 16-17 anos); nível de escolaridade materna (menor ou igual a 8 anos/ Entre 8 e 11 anos/ Maior ou igual a 12 anos); cor/raça (branco/ preta/parda ou outras), se o adolescente mora com o pai e com a mãe; a quantidade de pessoas que moram com o adolescente (1 a 4/ 5 ou mais) e a dependência administrativa da escola (pública/ privada).

**Quadro 1.** Perguntas e opções de respostas de interesse. Brasil, PeNSE, 2019.

<b>Perguntas</b>	<b>Opções de respostas</b>	<b>Apresentação da variável no estudo</b>	<b>Categorias apresentadas</b>
<b>Imagem corporal e práticas extremas</b>			
Como você se sente em relação ao seu corpo?	Muito satisfeito(a)/ Satisfeito(a)/ Indiferente/ Insatisfeito(a)/ Muito insatisfeito(a)	Insatisfação com a imagem corporal	<b>Muito satisfeito(a)/ Satisfeito(a)/ Indiferente/ Insatisfeito(a)/ Muito insatisfeito(a)</b>
Quanto ao seu corpo, você se considera:	Muito magro(a)/ Magro(a)/ Normal/ Gordo(a)/ Muito Gordo(a)	Autoavaliação corporal	<b>Muito magro(a)/ Magro(a)/ Normal/ Gordo(a)/ Muito Gordo(a)</b>
O que você está fazendo em relação a seu peso?	Não estou fazendo nada/ Estou tentando perder peso/ Estou tentando ganhar peso/ Estou tentando manter o mesmo peso	Atitudes quanto ao peso	<b>Não estou fazendo nada/ Estou tentando perder peso/ Estou tentando ganhar peso/ Estou tentando manter o mesmo peso</b>
Nos últimos 30 dias, você vomitou ou tomou laxantes para perder peso ou evitar ganhar peso?	Sim/Não	Indução de vômitos ou uso de laxantes	<b>Sim/Não</b>
Nos últimos 30 dias, você tomou algum remédio, fórmula ou outro produto para perder ou manter seu peso sem acompanhamento médico?	Sim/Não	Uso de remédio, fórmula/outro produto para reduzir peso	<b>Sim/Não</b>
Nos últimos 30 dias, você tomou algum remédio, suplemento ou outro produto para ganhar peso ou massa muscular sem acompanhamento médico?	Sim/Não	Uso de remédio, suplemento/outro produto para ganhar peso ou massa muscular	<b>Sim/Não</b>
<b>Saúde Mental</b>			
Quantos(as) amigos(as) próximos você tem?	Nenhum amigo/ 1 amigo/ 2 amigos/ 3 ou mais amigos	Nenhum amigo	<b>Nenhum amigo/ 1 amigo/ 2 amigos/ 3 ou mais amigos</b>
Nos últimos 30 dias, com que frequência você se sentiu triste?	Nunca/ Raramente/ Às vezes/ Na maioria das vezes/ Sempre	Sentimento de tristeza	<b>Nunca/ Raramente/ Às vezes/ Na maioria das vezes/ Sempre</b>



Nos últimos 30 dias, com que frequência você sentiu que a vida não vale a pena ser vivida?	Nunca/ Raramente/ Às vezes/ Na maioria das vezes/ Sempre	Sentimento de que a vida não valia a pena	Nunca/ Raramente/ Às vezes/ <b>Na maioria das vezes/ Sempre</b>
<b>Segurança Física</b>			
Nos últimos 30 dias, você esteve envolvido(a) em briga com luta física?	Sim/Não	Briga com luta física	<b>Sim/Não</b>
<b>Situações em casa e na escola</b>			
Nos últimos 30 dias, em quantos dias você faltou às aulas ou à escola sem permissão de sua mãe, pai ou responsável?	Nenhum dia nos últimos 30 dias/ 1 ou 2 dias/ 3 a 5 dias/ 6 a 9 dias/ 10 ou mais dias	Falta às aulas sem permissão	Nenhum dia nos últimos 30 dias/ <b>1 ou 2 dias/ 3 a 5 dias/ 6 a 9 dias/ 10 ou mais dias</b>
Nos últimos 30 dias, quantas vezes algum dos seus colegas de escola o esculachou, zoou, mangou, intimidou ou caçoou tanto que você ficou magoado, incomodado, aborrecido, ofendido ou humilhado?	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ 1 vez/ 2 ou mais vezes	Alvo de <i>bullying</i>	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ <b>1 vez/ 2 ou mais vezes</b>
Nos últimos 30 dias, qual o motivo/causa de seus colegas terem esculachado, zombado, zoado, caçoado, mangado, intimidado ou humilhado?	A minha cor ou raça/ A minha religião/ A aparência do meu rosto/ A aparência do meu corpo/ A minha orientação sexual/ A minha região de origem/ Outros motivos;causas	Motivação de ter sido alvo <i>bullying</i>	Cor ou raça/ Religião/ Aparência do rosto/ Aparência do corpo/ Orientação sexual/ Região de origem/ Outros
Nos últimos 30 dias, quantas vezes algum dos seus colegas de escola se recusou a falar com você, deixou você de lado sem razão ou fez com que outros colegas deixassem de falar com você?	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ 1 vez/ 2 ou mais vezes	Colegas deixaram de falar	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ <b>1 vez/ 2 ou mais vezes</b>
Nos últimos 30 dias, quantas vezes algum dos seus colegas de escola bateu (deu socos, tapas, chutes, pontapés) em você ou o machucou fisicamente de outra forma?	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ 1 vez/ 2 ou mais vezes	Agressão física pelos colegas	Nenhuma vez nos últimos 30 dias/ <b>1 vez/ 2 ou mais vezes</b>
Nos últimos 30 dias, você se sentiu ameaçado(a), ofendido(a) ou humilhado(a) nas redes sociais ou aplicativos de celular?	Sim/ Não	Alvo de <i>cyberbullying</i>	<b>Sim/ Não</b>
Nos últimos 30 dias, você esculachou, zombou, mangou, intimidou ou caçoou algum de seus colegas da escola, tanto que ele ficou magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado?	Sim/ Não	Prática de <i>bullying</i> contra colegas	<b>Sim/ Não</b>

\*Categorias apresentadas em negrito foram consideradas como as referências para construção das tabelas

Fonte: Das autoras (2023).

### 2.3 Análise dos dados

Os dados foram analisados no *software* SPSS (versão 22.0), considerando o desenho amostral complexo. Foram realizados cálculos de frequência absoluta e relativa para a descrição das variáveis, bem como seus respectivos intervalos de confiança de 95% (IC95%). Além disso, foi adotado o teste Qui-quadrado, com o objetivo de avaliar possíveis relações entre estudantes que sofrem preconceito de peso e a chance da coexistência dos comportamentos extremos investigados ( $p < 0,05$ ).

### 2.4 Aspectos Éticos

A PeNSE 2019 foi aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep - parecer 3.249.268). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), presente na primeira página do DMC foi assinado pelos estudantes e a assinatura destes era condição preliminar para validar os questionários respondidos. A participação dos adolescentes foi voluntária e o estudante tinha a possibilidade de deixar de responder qualquer pergunta ou desistir do questionário em qualquer ponto. As informações do estudante foram mantidas em sigilo e as escolas participantes da pesquisa não foram identificadas (IBGE, 2021).

## RESULTADOS

Dados de 125.123 estudantes de 4.242 escolas foram analisados, dentre os quais 50,7% eram do sexo feminino. A maioria possuía entre 13 e 15 anos de idade (64,7%), estudava em escolas públicas (85,6%), morava com uma a quatro pessoas (62,2%), sem diferença entre os sexos ( $p > 0,05$ ). Uma significativa parcela dos estudantes declarou cor/etnia preta, parda ou outras (64,0%), com maior prevalência entre as meninas ( $p = 0,018$ ). Por outro lado, observou-se maior prevalência de estudantes que moravam com a mãe e com o pai entre os meninos ( $p < 0,001$ ). Quanto à escolaridade das mães, importante proporção destas apresentava oito anos ou menos de estudos (36,9%), sendo a prevalência de mães com 12 ou mais anos de estudo superior entre os meninos ( $p < 0,001$ ) (Tabela 1).

Em relação à imagem corporal, 22,4% dos estudantes estavam insatisfeitos/muito insatisfeitos em relação ao seu corpo, com significativa predominância entre as meninas ( $p < 0,001$ ), entre os adolescentes que se declararam brancos ( $p < 0,001$ ) e que sofriam bullying ( $p < 0,001$ ). Quase um terço dos adolescentes se autoavaliaram como magros/muito magros (29,1%) e 20,8% como gordos/muito gordos. A percepção de magreza foi mais prevalente

entre os meninos, ao passo que a autoavaliação como gorda/muito gorda prevaleceu entre as meninas  $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

**Tabela 1.** Características sociodemográficas de adolescentes brasileiros, estratificados por sexo. Brasil, PeNSE, 2019.

Variáveis	Sexo				Total (%)	IC 95%	Valor p**
	Masculino		Feminino				
	%	IC 95%	%	IC 95%			
<i>Sexo (n= 124.610)</i>							
Masculino	49,3	48,5-50,1	-	-	49,3	48,5-50,1	-
Feminino	-	-	50,7	49,9-51,5	50,7	49,9-51,5	
<i>Idade (anos) (n= 124.898)</i>							
13 a 15	64,7	62,4-66,9	64,7	62,2-67,1	64,7	62,4-66,9	0,985
16 a 17	35,3	33,1-37,6	35,3	32,9-37,8	35,3	33,1-37,6	
<i>Cor/Raça (n= 122.366)</i>							
Branca	36,8	35,6-37,9	35,2	34,3-36,2	36,0	35,1-36,8	<b>0,018</b>
Preta, Parda ou Outras	63,2	62,1-64,4	64,8	63,8-65,7	64,0	63,2-64,9	
<i>Quantidade de pessoas que moram com o estudante (n= 124.803)</i>							
1 a 4	62,3	61,4-63,2	62,2	61,2-63,1	62,2	61,5-63,0	0,884
5 ou mais	37,7	38,8-38,6	37,8	36,9-38,8	37,8	37,0-38,5	
<i>Mora com o pai e/ou mãe ou sozinho (n= 124.765)</i>							
Com o pai e com a mãe	57,6	56,6-58,6	53,4	52,3-54,4	55,5	54,6-56,3	<b>&lt;0,001</b>
Só com o pai ou só com a mãe	36,4	35,3-37,4	38,8	37,8-39,8	37,6	36,8-38,4	
Sozinha	6,0	5,6-6,5	7,8	7,4-8,3	6,9	6,6-7,3	
<i>Dependência administrativa da escola (n= 124.898)</i>							
Pública	85,4	84,5-86,3	85,7	84,9-86,5	85,6	84,8-86,3	0,378
Privada	14,6	13,7-15,5	14,3	13,5-15,1	14,4	13,7-15,2	
<i>Escolaridade materna (n= 105.046)</i>							
≤ 8 anos	35,4	34,1-36,7	38,4	37,0-39,8	36,9	35,8-38,1	<b>&lt;0,001</b>
8 a 11 anos	33,4	32,3-34,4	34,8	33,8-35,9	34,1	33,3-35,0	
≥ 12 anos	31,3	30,3-32,2	26,8	25,8-27,9	28,9	28,1-29,8	

Nota: IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%. \*\*Teste Qui-Quadrado.

Fonte: Das autoras (2023).

Constatou-se que 39,3% dos estudantes relataram terem sido vítimas de *bullying* nos 30 dias anteriores à pesquisa, situação que foi mais frequente entre as meninas ( $p<0,001$ ) e entre os estudantes mais jovens ( $p<0,001$ ). Os adolescentes que relataram terem sido alvos de *bullying* apresentaram maior prevalência de autopercepção como magros/muito magros, assim como gordos/muito gordos ( $p<0,001$ ) (Tabela 2).

Quanto às atitudes relacionadas ao peso, 25% dos estudantes tentavam reduzir peso e 17,3% estavam buscando aumentá-lo. A tentativa de redução ponderal foi relatada com maior frequência entre as meninas ( $p<0,001$ ), entre aqueles que se declararam brancos ( $p<0,001$ ) e que sofreram *bullying* ( $p<0,001$ ). Dentre os quais a tentativa de aumento do peso foi mais prevalente em meninos ( $p<0,001$ ), etnia/cor preta/parda/outras ( $p<0,001$ ), faixa etária entre 16 e 17 anos ( $p<0,001$ ), assim como aqueles que são alvo de *bullying* ( $p<0,001$ ) (Tabela 2).

No total, 6,2% dos adolescentes afirmaram ter induzido vômito ou tomado laxantes para reduzir ou evitar ganho de peso nos últimos 30 dias, com predominância entre as meninas ( $p<0,001$ ), assim como entre os que foram alvos de *bullying* ( $p<0,001$ ). O uso de remédio, fórmula ou produto para perder peso sem acompanhamento médico foi relatado por 5,5% dos estudantes, com maior prevalência entre aqueles que se declararam pretos, pardos ou outras cores/raças (5,7%) ( $p=0,049$ ) e entre estudantes que afirmaram terem sido alvos de *bullying* ( $p<0,001$ ). Já o uso de remédio, suplemento ou outro produto para ganhar peso ou massa muscular nos últimos 30 dias foi afirmado por de 7,2% dos estudantes, com maior taxa entre os meninos ( $p<0,001$ ), entre estudantes de 16 e 17 anos ( $p<0,001$ ) e que foram alvos *bullying* ( $p<0,001$ ) (Tabela 2).

No que diz respeito à sociabilidade e à saúde mental, 4,0% dos estudantes responderam não ter amigos. Essa condição foi preponderante entre os meninos ( $p<0,001$ ), entre os adolescentes que se declararam pretos, pardos ou outras cores/raças ( $p=0,003$ ), na faixa etária de 16 e 17 anos ( $p<0,001$ ) e que foram alvos de *bullying* ( $p<0,001$ ). Observou-se que 65,4% dos estudantes referiram sentimento de tristeza nos últimos 30 dias, com diferença expressiva entre os sexos, em que 80,9% das meninas e 49,4% dos meninos afirmaram terem se sentido tristes com frequência ( $p<0,001$ ). A prevalência também foi mais elevada entre adolescentes de 16 e 17 anos ( $p<0,001$ ) e aqueles que sofreram *bullying* ( $p<0,001$ ). Constatou-se, ainda, que 53,0% dos adolescentes relataram sentimento de que a vida não valeria a pena ser vivida, com destaque para os maiores percentuais no sexo feminino ( $p<0,001$ ), assim como entre as vítimas de *bullying* ( $p<0,001$ ) (Tabela 2).



**Tabela 2.** Comportamentos extremos em relação ao corpo, saúde mental e imagem corporal de estudantes estratificados por sexo, cor/raça, idade e vivência de *bullying*. Brasil, PeNSE, 2019.

Variáveis	Total % (IC95%)	Sexo % (IC95%)		Valor p*	Cor/Raça % (IC95%)			Grupos de idade % (IC95%)		Valor p*	Alvo de <i>bullying</i> % (IC95%)		Valor p*
		Masculino	Feminino		Branca	Preta/Parda /Outras	13 a 15	16 e 17	Não		Sim		
<i>Insatisfação com a imagem corporal</i>	22,4 (21,8-23,0)	12,9 (12,1-13,5)	31,5 (30,7-32,3)	<0,001	25,2 (24,2-26,1)	20,8 (20,2-21,5)	<0,001	21,0 (20,4-21,7)	24,9 (23,9-25,9)	<0,001	17,6 (16,9-18,2)	29,9 (28,9-30,9)	<0,001
<i>Autoavaliação corporal</i>													
Magro/muito magro	29,1 (28,6-29,6)	30,4 (29,6-31,2)	27,8 (27,1-28,6)	<0,001	29,3 (28,5-30,2)	28,9 (28,2-29,6)	<0,001	28,4 (27,7-29,1)	30,4 (29,6-31,3)	0,003	27,5 (26,7-28,3)	31,6 (30,8-32,4)	<0,001
Gordo/muito gordo	20,8 (20,2-21,3)	16,0 (15,4-16,8)	25,3 (24,5-26,1)		22,6 (21,7-23,4)	19,7 (19,1-20,4)		20,8 (20,1-21,5)	20,7 (19,8-21,6)		17,9 (17,3-18,5)	25,2 (24,4-26,0)	
<i>Atitudes quanto ao peso</i>													
Tentando reduzir	25,0 (24,5-25,5)	21,8 (21,1-22,6)	28,1 (27,3-28,9)		28,3 (27,3-29,2)	23,2 (22,5-23,8)		25,7 (25,0-26,4)	23,7 (22,8-24,6)		22,7 (21,9-23,4)	28,6 (27,7-29,4)	
Tentando aumentar	17,3 (16,8-17,7)	17,7 (17,0-18,4)	16,9 (16,2-17,6)	<0,001	15,6 (14,9-16,4)	18,2 (17,6-18,8)	<0,001	16,0 (15,5-16,5)	19,6 (18,7-20,4)	<0,001	16,1 (15,5-16,7)	19,0 (18,3-19,7)	<0,001
Tentando manter	15,0 (14,5-15,5)	16,7 (16,1-17,4)	13,3 (12,7-13,9)		15,0 (14,2-15,8)	15,0 (14,4-15,6)		15,3 (14,7-15,9)	14,5 (13,7-15,3)		16,2 (15,6-16,9)	13,2 (12,5-13,8)	
<i>Indução de vômitos ou uso de laxantes</i>	6,2 (5,8-6,5)	5,2 (4,7-5,7)	7,1 (6,7-7,6)	<0,001	5,9 (5,4-6,4)	6,3 (6,0-6,7)	0,135	6,3 (5,8-6,7)	6,0 (5,6-6,4)	0,435	4,6 (4,3-5,0)	8,5 (7,9-9,1)	<0,001
<i>Uso de remédio, fórmula/outro produto para reduzir peso</i>	5,5 (5,1-5,8)	5,6 (5,1-6,1)	5,3 (4,9-5,8)	0,376	5,1 (4,6-5,6)	5,7 (5,3-6,1)	0,049	5,5 (5,0-6,0)	5,4 (5,0-5,8)	0,639	4,2 (3,9-4,6)	7,3 (6,7-8,0)	<0,001
<i>Uso de remédio, suplemento/outro produto para ganhar peso ou massa muscular</i>	7,2 (6,9-7,6)	8,6 (8,1-9,2)	5,9 (5,5-6,4)	<0,001	6,9 (6,4-7,4)	7,5 (7,1-7,9)	0,042	6,4 (6,0-6,8)	8,8 (8,3-9,3)	<0,001	6,1 (5,7-6,5)	9,0 (8,4-9,6)	<0,001
<i>Nenhum amigo</i>	4,0 (3,7-4,3)	4,2 (3,8-4,7)	3,8 (3,4-4,1)	<0,001	3,5 (3,1-3,9)	4,3 (3,9-4,6)	0,003	3,6 (3,2-3,9)	4,8 (4,4-5,3)	<0,001	3,6 (3,2-3,9)	4,6 (4,2-5,1)	<0,001

Variáveis	Total % (IC95%)	Sexo		Valor p*	Cor/Raça		Valor p*	Grupos de idade		Valor p*	Alvo de bullying		Valor p*
		% (IC95%)			% (IC95%)			% (IC95%)			% (IC95%)		
		Masculino	Feminino		Branca	Preta/Parda /Outras		13 a 15	16 a 17		Não	Sim	
<i>Sentimento de tristeza</i>	65,4 (64,7-66,1)	49,4 (48,5-50,3)	80,9 (80,2-81,6)	<0,001	66,7 (64,4-66,9)	65,3 (64,5-66,0)	0,522	65,3 (62,4-64,2)	69,4 (68,3-70,4)	<0,001	57,7 (56,7-58,5)	77,7 (76,7-78,7)	<0,001
<i>Sentimento de que a vida não valia a pena</i>	53,0 (52,3-53,8)	40,3 (58,8-60,5)	65,3 (64,4-66,1)	<0,001	52,5 (51,4-53,5)	53,4 (52,6-54,2)	0,135	51,8 (50,9-52,8)	55,2 (54,2-56,2)	<0,001	44,2 (43,3-45,0)	66,8 (65,7-67,8)	<0,001
<i>Briga com luta física</i>	10,7 (10,2-11,1)	14,7 (14,1-15,4)	6,7 (6,2-7,3)	<0,001	9,8 (9,2-10,5)	11,1 (10,6-11,7)	0,001	11,9 (11,3-12,5)	8,4 (7,8-9,1)	<0,001	8,6 (8,1-9,1)	13,7 (13,0-14,5)	<0,001
<i>Falta às aulas sem permissão</i>	19,4 (18,8-19,9)	20,8 (20,1-21,5)	18,0 (17,2-18,7)	<0,001	17,8 (16,9-18,6)	20,3 (19,5-21,0)	<0,001	17,2 (16,6-17,9)	23,2 (22,2-24,2)	<0,001	17,3 (16,6-17,9)	22,5 (21,6-23,4)	<0,001
<i>Alvo de bullying</i>	39,3 (38,6-39,9)	34,6 (33,8-35,5)	43,8 (42,8-44,8)	<0,001	39,7 (38,6-40,7)	39,1 (38,3-39,9)	0,380	41,0 (40,1-41,8)	36,2 (35,1-37,2)	<0,001	-	-	-
<i>Colegas deixaram de falar</i>	27,3 (26,7-28,0)	22,1 (21,3-22,9)	32,4 (31,5-33,3)	<0,001	26,2 (25,3-27,2)	28,0 (27,2-28,8)	0,003	29,4 (28,6-30,2)	23,5 (22,6-24,5)	<0,001	15,9 (15,3-16,5)	45,0 (44,0-46,0)	<0,001
<i>Agressão física pelos colegas</i>	14,1 (13,5-14,7)	16,7 (15,9-17,5)	11,6 (10,9-12,2)	<0,001	14,7 (13,9-15,6)	13,7 (13,0-14,4)	0,019	16,6 (15,9-17,4)	9,3 (8,6-10,1)	<0,001	7,2 (6,8-7,7)	24,6 (23,7-25,6)	<0,001
<i>Alvo de cyberbullying</i>	13,3 (12,8-13,8)	10,3 (9,7-10,9)	16,2 (15,6-16,9)	<0,001	13,6 (12,9-14,3)	13,1 (12,6-13,7)	0,236	13,3 (12,7-13,9)	13,3 (12,7-14,0)	0,921	7,7 (7,2-8,1)	22,0 (21,2-22,8)	<0,001
<i>Prática de bullying contra colegas</i>	12,1 (11,7-12,5)	14,7 (14,1-15,4)	9,6 (9,1-10,1)	<0,001	11,2 (10,6-11,9)	12,6 (12,0-13,1)	0,002	12,3 (11,8-12,8)	11,8 (11,1-12,5)	0,237	7,8 (7,3-8,2)	18,8 (18,0-19,5)	<0,001

Nota: IC 95%: Intervalo de Confiança de 95%. \*\*Teste Qui-Quadrado.

Fonte: Das autoras (2023).

Em relação às questões de segurança física, 10,7% dos estudantes responderam que se envolveram em brigas com luta física. As maiores prevalências foram observadas no sexo masculino ( $p < 0,001$ ), entre os adolescentes que se declararam pretos/pardos/outros ( $p = 0,001$ ), na faixa etária de 13 a 15 anos ( $p < 0,001$ ) e entre estudantes alvos de *bullying* ( $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

No que concerne às situações em casa e na escola, 19,4% dos adolescentes relataram ter faltado às aulas sem permissão dos pais/responsáveis, com maior frequência no sexo masculino ( $p < 0,001$ ), na etnia preta/parda/outras ( $p < 0,001$ ), na faixa etária de 16 a 17 anos ( $p < 0,001$ ), e entre vítimas de *bullying* ( $p < 0,001$ ). A recusa a conversar por parte de colegas foi relatada por 27,3% dos adolescentes, sendo mais marcante no sexo feminino ( $p < 0,001$ ), na etnia preta/parda/outras ( $p = 0,003$ ), na faixa etária entre 13 a 15 anos ( $p < 0,001$ ) e entre aqueles que sofreram *bullying* ( $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

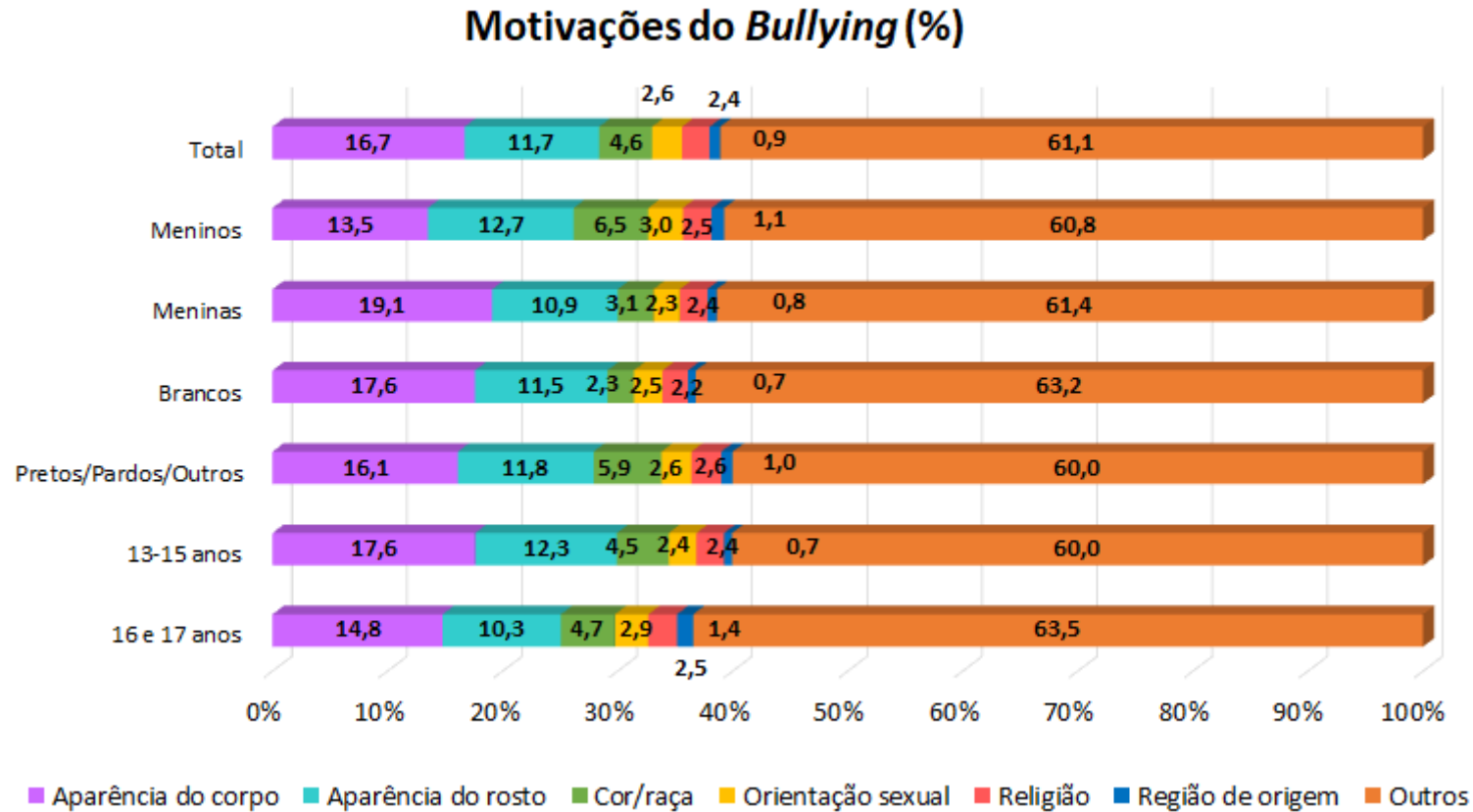
Foi possível observar que 14,1% dos adolescentes sofreram algum tipo de agressão física pelos colegas, dentre os quais os meninos ( $p < 0,001$ ), aqueles de etnia branca ( $p = 0,019$ ), com idade entre 13 a 15 anos ( $p < 0,001$ ) e que foram focos de *bullying* ( $p < 0,001$ ) tiveram maiores prevalência (Tabela 2).

Ter sido alvo de *cyberbullying* nos últimos 30 dias foi relatado por 13,3% dos estudantes, com predominância entre as meninas ( $p < 0,001$ ) e entre aqueles que sofreram *bullying* ( $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

A prática de *bullying* contra colegas também foi investigada, sendo relatada por 12,1% dos estudantes, com destaque para o sexo masculino ( $p < 0,001$ ), adolescentes pretos/pardos/outros ( $p = 0,002$ ), e que sofreram *bullying* ( $p < 0,001$ ) (Tabela 2).

Quando questionados sobre a motivação de terem sido alvos de *bullying*, 16,7% dos estudantes indicaram a aparência do corpo, seguida pela aparência do rosto (11,7%), com motivações semelhantes entre meninos e meninas, e nas diferentes faixas etárias. Ressalta-se o relato mais frequente de *bullying* motivado por aspectos relacionados à cor/raça entre os adolescentes pretos/pardos/outros (5,9% vs. 2,3% entre brancos), (Figura 1).





**Figura 1.** Motivação de ter sido alvo de *bullying* em relação ao total de estudantes e segundo o sexo, a raça e a idade. Brasil, PeNSE, 2019.

Fonte: Das autoras (2023).

## 4 DISCUSSÃO

Quase quatro a cada dez estudantes brasileiros afirmaram ter sofrido *bullying* no mês anterior à pesquisa, situação que se mostrou mais prevalente entre meninas e na faixa etária de 13 a 15 anos, estando associada a maiores frequências de insatisfação corporal, autopercepção como magros/muito magros e gordos/muito gordos, bem como de atitudes quanto ao peso, práticas extremas, tais como indução de vômitos ou uso de laxantes, e uso de remédio, fórmula/outro produto para reduzir peso ou ganhar peso/massa muscular.

Dados das primeiras edições da PeNSE (2009, 2012 e 2015) indicaram prevalências de *bullying* de 30,3%, 34,6% e 44,6%, respectivamente (IBGE, 2023), verificando uma transição de alvo principal do sexo masculino para o feminino, mas mantendo a idade. Estes dados acarretam grande preocupação pelo crescimento exponencial da penúltima edição (34,6%) para a atual analisada (39,3%), corroborando para definição desse tipo de prática como um emergente e incisivo problema de saúde pública que impacta na autopercepção corporal, na saúde mental e na relações interpessoais dos adolescentes (MALTA et al., 2022).

Relatório publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) mostrou que de 96 países e territórios analisados globalmente, quase um em cada cinco (19,4%) estudantes foi vítima de *bullying* na escola em um ou dois dias no mês anterior. De maneira semelhante ao presente estudo, o Relatório da UNESCO revelou que os meninos tinham maior probabilidade de se envolverem em luta física e de serem agredidos fisicamente, enquanto que para as meninas, o *bullying* e o *cyberbullying* se destacaram mais. A idade foi um fator inversamente relacionado a algumas variáveis, ou seja, com o aumento da idade é menos provável sofrer *bullying*, se envolver em brigas físicas ou ser atacados fisicamente (UNESCO, 2019).

Em relação ao *cyberbullying*, destaca-se que sua ocorrência pode estar atrelada a inúmeros fatores, dentre os quais o maior acesso a tecnologias de informação e o tempo despendido na *Internet*. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021 (PNAD Contínua), realizada com pessoas com 10 anos ou mais anos de idade, os adolescentes constituíram o grupo etário que mais acessou *Internet* nos três meses anteriores, com uma prevalência de 82,2% naqueles de 10 a 13 anos. Ademais, revisão sistemática abarcando estudos desenvolvidos com crianças e adolescentes indicou que os adolescentes com mais de 15 anos de idade eram os principais perpetuadores de *cyberbullying*, sendo o sexo feminino mais propenso a sofrer com tal ato, enquanto o papel da escola e a comunicação com os pais foram frequentemente mencionados como fatores de proteção (CHENGYAN et al., 2021).

O presente estudo evidenciou que as meninas eram mais sujeitas a diferentes situações preocupantes, sendo as que mais sofreram *bullying* e *cyberbullying*, apresentando também maior prevalência de insatisfação com a imagem corporal, de autoavaliação como gordas ou muito gordas, de tentativa de redução de peso, bem como de indução de vômito e uso de laxantes. Também expressaram mais frequentemente sentimento de tristeza e de que a vida não valia a pena ser vivida, relatando ainda serem mais ignoradas pelos colegas. Estes aspectos podem ter distintos determinantes e condicionantes, sendo a pressão estética e o mito da beleza, que atuam historicamente de forma mais incisiva sobre as meninas e as mulheres, questões possivelmente implicadas neste quadro (BRAGA et al., 2010; ROCHA, et al., 2019).

A organização social misógina e patriarcal, que senhoriza a sociedade até hoje, estabelece o corpo magro como o único padrão aceitável, fazendo com que o ramerrame feminino seja marcado por medidas de controle do que se faz, consome e aparenta, de forma desproporcional em comparação com o sexo masculino (BRAGA et al., 2010; ROCHA, et al., 2019). Essas pressões, ao serem norteadas por padrões inalcançáveis de beleza, tendem a repercutir em impactos negativos sobre a alimentação e saúde mental (BRAGA et al., 2010; ROCHA et al., 2019). Em relação ao fato de serem ignoradas, essa prática consiste em um subtipo de *bullying* e, considerando que as meninas foram as mais acometidas por práticas de intimidação, poderia-se inferir a relação entre os eventos.

Os meninos também estavam expostos a situações de alerta avaliando-se em maior proporção como magros ou muito magros, manifestando maior desejo de manter ou ganhar peso, e recorrendo com mais frequência à utilização de remédios, suplementos e produtos para tais fins sem acompanhamento médico. Ademais, relataram ter menos amigos próximos, se envolverem com maior regularidade em brigas com luta física, assim como eram mais agredidos, faltavam mais às aulas sem permissão dos pais/responsáveis e praticavam mais *bullying*. Semelhantemente, são múltiplas as possíveis justificativas para o quadro observado, sendo que a perspectiva histórica pode elucidar algumas delas. O papel do homem na sociedade tem sido, geração após geração, mais associado a trabalhos braçais, demonstrações de força, envolvimento em guerras e batalhas, o que demandaria, do ponto de vista evolutivo, uma forma e estrutura corporal musculosa e corpulenta que o permitisse desempenhar estas funções eficazmente (BRAGA et al., 2010; REIGADO et al., 2022).

Além disso, o machismo estrutural suscita no imaginário masculino a associação entre força e masculinidade, o que poderia explicar o maior envolvimento dos meninos em brigas com luta física, prática de *bullying* como uma possível ferramenta de controle e imposição de respeito numa hierarquia social (BRAGA et al., 2010; REIGADO et al., 2022). Outro ponto a

se considerar é que, historicamente, homens tendem a não exporem seus problemas em função da internalização de padrões hegemônicos de masculinidade que verificam o reconhecimento de tais sofrimentos como fraqueza e fragilidade (SILVA, 2021). Portanto, passando por situações na escola de violência e *bullying*, poderiam estar faltando sem a comunicação prévia dos pais e responsáveis.

Em relação às questões étnicas, os adolescentes brancos demonstraram maior insatisfação com a imagem corporal e busca por reduzir o peso, enquanto os autodeclarados pretos, pardos e de outras etnias, revelaram o desejo de ganhar peso, além de faltarem mais às aulas sem permissão. Sabe-se que o contexto socioambiental está diretamente atrelado ao âmbito da saúde, influenciando-o de distintas maneiras. Sendo assim, fatorialmente, o Brasil é um país com grande desigualdade social diretamente relacionada à diferença racial, alicerçada no passado de escravidão, o que conferiu aos brancos uma situação financeira mais favorável, com mais acesso à saúde, educação e outros determinantes que influenciam no bem-estar e na qualidade de vida, em maior escala que os demais (HERINGER, 2002). Assim, uma lacuna social impera em diversos âmbitos, podendo justificar a maior preocupação com o excesso de peso nos adolescentes brancos dado o alcance ampliado ao ensino e à informação de qualidade de que o aumento de peso configura-se como fator de risco para saúde (PEREIRA et al., 2011; MALTA, 2017). Além disso, é sabido que a indústria da moda e do entretenimento são dominadas por uma representatividade branca, a qual poderia exercer maior pressão sobre esses indivíduos em atingir tais ideais (HEINZELMANN, 2011; MARTINS, 2019).

Já a maior tendência das etnias preta/parda/outras manifestarem o desejo de ganhar peso poderia ser discutida tendo como norte os conceitos de idealização, objetificação e hipersexualização dos corpos negros na sociedade quando o quesito é beleza, em que os fenótipos são aceitos e vistos como belos se corresponderem ao imaginário social de corpos fortes e atléticos para os homens e volumosos e curvilíneos para as mulheres (TEIXEIRA et al., 2017; DE SOUZA RODRIGUES, 2020). Estes aspectos, sob diferentes perspectivas e níveis, poderiam influenciar no desejo em se alcançar este padrão corporal e, assim, ser aprovado (TEIXEIRA et al., 2017; DE SOUZA RODRIGUES, 2020).

Acerca da idade, os adolescentes mais jovens, com 13 a 15 anos, tentaram reduzir o peso em maior proporção. Do final da infância até a ocorrência da puberdade é esperado um acúmulo de gordura corporal, com vistas a subsidiar o subsequente estirão do crescimento, com o pico de velocidade de crescimento na adolescência (BRASIL, 2018). Esse fato poderia também estar associado à maior prevalência de meninos nesta idade que tentavam reduzir

peso. Ainda, os adolescentes do sexo masculino desta idade estavam mais envolvidos em brigas com luta física, relataram com mais frequência serem alvos de *bullying*, bem como serem mais ignorados e agredidos pelos colegas. Esses resultados são condizentes com achados de estudo realizado com adolescentes de 12 a 17 anos em 83 países de baixa e média renda nas seis regiões da Organização Mundial da Saúde (OMS), em que constatou-se maior prevalência de *bullying* associada ao sexo masculino e à idade mais jovem (BISWAS et al., 2020). Ainda, considerando que as áreas frontais do cérebro, que estão associadas ao pensamento crítico e ao planejamento, se desenvolvem da adolescência até o início dos 20 anos (GOGTAY et al., 2004), pode-se inferir que certas funções inibitórias de comportamentos de risco podem não estar suficientemente maturadas em determinadas fases da adolescência, o que aumentaria, diante de um ambiente propício, ações como brigas com luta física nessa fase.

Adolescentes, na faixa etária entre 16 e 17 anos, demonstraram maior desagrado com sua imagem corporal, buscaram aumentar o peso em maior proporção, tal como utilizaram com maior frequência produtos, fórmulas e remédios para esse fim. Além disso, expuseram mais comumente os sentimentos de tristeza e de que a vida não valeria a pena ser vivida, bem como de não possuir amigos próximos. Este cenário, quando comparado ao dos adolescentes mais novos, pode ser reflexo da transição da adolescência para a vida adulta, em que o adolescente assume mais responsabilidades e tem expectativas sobre o futuro profissional e pessoal, o que pode configurar uma expressiva pressão, desencadeando comportamentos de risco para a saúde física e mental (OPAS, 2018).

No que tange às motivações para o *bullying* relatadas pelos adolescentes que foram suas vítimas, a aparência do corpo se destacou como a resposta mais significativa. Esse achado é concordante com a conjuntura anteriormente discutida, em que aqueles que não possuem o padrão de beleza exigido pela sociedade tendem a se sentir deslocados e frustrados, além de aumentar as chances de sofrer discriminações por sua aparência, ocasionando exclusão social, ridicularização, descaso e olhares críticos à sua imagem (MELO et al., 2017). Pondera-se que nessa perspectiva é pertinente discutir o papel da gordofobia, um estigma que atinge pessoas consideradas acima do peso, que sofrem com intolerância e rejeição (MELO et al., 2017).

Segundo Pereira e Oliveira (2016), a discriminação à pessoa com excesso de peso pode iniciar ainda na infância, tratando-se de uma questão social perpetuada a partir do pensamento enraizado de que o corpo magro seria mais bonito e refletiria sucesso, enquanto o aumento de peso seria considerado um fator negativo, atrelado à falta de empenho e

autocuidado, o que propicia a exclusão social (SCUTTI et al., 2014). Sob esse prisma, visto que a escola simboliza uma esfera social e reflete os valores da sociedade na qual um indivíduo está inserido, os adolescentes que fogem dos padrões considerados ideais muitas vezes se veem excluídos pelos pares neste ambiente (NETO et al, 2010). Na busca por se ajustarem ao grupo, os adolescentes que foram alvos de discriminação podem aprender e internalizar valores, linguagens e atitudes de forma a modelar sua postura diante do que observam dos seus colegas. Assim, podem tornar-se os agentes da prática do *bullying* contra outros adolescentes (MOSCOVICI, 2011). Além disso, infere-se que esse contexto pode gerar uma incerteza no modo em que os adolescentes enxergam o próprio corpo, podendo repercutir em insatisfação corporal, em sentimentos negativos e em práticas extremas, como apontado no presente estudo.

Diante do exposto, fica claro o quão preocupante é o cenário nacional concernente ao *bullying* e aos fatores associados à insatisfação com imagem corporal, saúde mental, situações de violência na escola e segurança dos adolescentes. Esta realidade não é exclusiva do Brasil, sendo verificada globalmente, o que justificou a inclusão da problemática da violência escolar e do *bullying* nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), reiterando que seu controle é crucial para garantir uma educação mais inclusiva, respeitosa e de qualidade. Assim, é importante realçar o papel fundamental das escolas que, ao serem os locais de maior perpetuação da prática de *bullying*, se destacam como uma base fundamental para sua prevenção, para o cuidado do adolescente que sofre algum tipo de violência e para a garantia do bem-estar e da segurança dos estudantes (FERREIRA, 2023).

É importante interpretar os resultados aqui apresentados tendo em vista potenciais limitações do estudo. Por seu delineamento transversal, as associações verificadas não refletem relação de causa-efeito, levantando hipóteses a serem aprofundadas posteriormente. Além disso, o desenho amostral da PeNSE não abarca adolescentes não matriculados na rede de ensino regular e, possivelmente, esses apresentariam maior risco no que concerne aos determinantes sociais de saúde. A PeNSE também não investiga as motivações do *bullying* sob a perspectiva do agente da ação, aspecto que seria interessante conhecer com vistas a traçar intervenções preventivas e de educação em saúde. Por fim, considera-se importante a avaliação mais detalhada e específica de práticas gordofóbicas, sexistas, racistas, homofóbicas, xenofóbicas e de cunho religioso no âmbito escolar, sendo um caminho necessário e oportuno para o aprofundamento da discussão e do delineamento de ações de enfrentamento.

O presente estudo se evidencia por investigar aspectos relacionados à imagem corporal, *bullying* e comportamentos extremos para controle de peso em uma amostra representativa de estudantes brasileiros, corroborando para o entendimento dos fatores e riscos associados a estas condições.

## 5 CONCLUSÃO

A prevalência de *bullying* foi alarmante, sendo mais frequente entre as meninas e entre os adolescentes mais novos. Esta prática esteve associada a inúmeros aspectos avaliados, com destaque para insatisfação com a imagem corporal, autoavaliação como magro/muito magro e gordo/muito gordo, tentativas de mudança do peso corporal, práticas extremas para controle do peso, sentimentos de tristeza e desesperança, isolamento dos colegas, brigas, agressões, assim como a prática de *bullying* contra colegas. Conjecturando as possíveis repercussões para a saúde física, mental e para a nutrição da população analisada, seja atualmente ou no decorrer de suas vidas, torna-se crucial o fomento de abordagens intersetoriais preventivas e educativas, e que envolvam equipes multiprofissionais, de maneira a abarcar a complexidade envolvida e se alcançar maior efetividade nas intervenções.

## REFERÊNCIAS

- BISWAS T, *et. al.* Global variation in the prevalence of bullying victimisation amongst adolescents: Role of peer and parental supports. **EClinicalMedicine**. 2020.
- BRAGA, P. D., MOLINA, M. D. C. B., e FIGUEIREDO, T. A. M. D.. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 87-95, 2010.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Instrutivo para o cuidado da criança e do adolescente com sobrepeso e obesidade no âmbito da Atenção Primária à Saúde / Ministério da Saúde**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasília: Ministério da Saúde, 2022a. 101 p.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE. **Manual de atenção às pessoas com sobrepeso e obesidade no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS) do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022b. 58 p.
- BRASIL. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação - Assessoria de Comunicação Social**. 20/04/2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/47721-especialistas-indicam-formas-de-combate-a-atos-de-intimidacao>. Acesso em: 08 set. 2023.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Microdados [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf)

CARVALHO, G. X. D.; NUNES, A. P. N.; MOARAES, C. L.; VEIGA, G. V. D. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2769-82, 2020.

CHENGYAN, Z. *et al.* Cyberbullying Among Adolescents and Children: A Comprehensive Review of the Global Situation, Risk Factors, and Preventive Measures. **Sec. Public Mental Health**, v. 9, 2021.

DE SOUZA RODRIGUES, W. H.. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 13, n. 41, p. 267-284, 2020.

FERREIRA, A. L. **A escola e a rede de proteção de crianças e adolescentes**. In: ASSIS, S. G., CONSTANTINI, P., AVANCI, J. Q., and NJAINE, K., eds. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. 2nd ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023.

FERREIRA, N. L. **Alimentação de estudantes: associação com fatores individuais, familiares, comportamentais e indicadores socioeconômicos**. Tese (Doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Enfermagem. Belo Horizonte, 2017. 204 p.

GOGTAY N *et. al.* **Dynamic mapping of human cortical development during childhood through early adulthood**. Proc Natl Acad Sci U S A. 2004.

HEINZELMANN, F. L. **Corpos que desfilam: imagens de moda e a construção de padrões de beleza**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. 69p.

HERINGER, R.. Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas. **Cadernos de Saúde pública**, v. 18, p. S57-S65, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 162 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE. 2009-2019**. Análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>. Acesso em: 22 nov. 2023.

KUBOTA, L. C. **Discriminação contra os estudantes obesos e os muito magros nas escolas brasileiras**. 2014.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; CRESPO, C.; PORTO, D. L. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p.3065-3076, 2010.

MALTA, D. C.; STOPA, S. R.; SANTOS, M. A. S.; ANDRADE, S. S. C. D. A., OLIVEIRA,, M. M. D., PRADO, R. R. D., & SILVA, M. M. A. D. Fatores de risco e proteção



de doenças e agravos não transmissíveis em adolescentes segundo raça/cor: Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, p. 247-259, 2017.

MALTA, D. C.; OLIVEIRA, W. A. D.; PRATES, E. J. S.; MELLO, F. C. M. D.; MOUTINHO, C. D. S.; SILVA, M. A. I. Bullying among Brazilian adolescents: evidence from the National Survey of School Health, Brazil, 2015 and 2019. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 30, 2022.

MARTINS, A. C. S.; MARTINS, C. C. S.. A moda brasileira é jovem, branca e magra: perfil de estilistas e modelos na SPFW entre 2013 e 2017. **dObra [s]–revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 12, n. 26, p. 183-201, 2019.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. Estereótipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organização e Sociedade**, v. 24. n. 81. p. 305- 324. Salvador abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/cy96Vg47RtjXLVqypSzKKrj/?format=pdf&lang=pt>

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NETO, I. B; CAMPOS, I. G. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física**, Paraná, v. 9, n. 17, p. 87-99, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. Saúde para os adolescentes do mundo: uma segunda chance na segunda década: resumo. **Organização Mundial de Saúde**, 2014. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/112750>. Acesso em: 08 set. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. **Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HA!): Guia de Orientação para apoiar a implementação pelos países**. Resumo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde; 2018. 176 p.

PEREIRA, B. B.; OLIVEIRA, P. P. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. **INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo, 2016. Disponível em: <portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf>

PEREIRA, E. F.; TEIXEIRA, C. S.; GATTIBONI, B. D.; BEVILACQUA, L. A.; CONFORTIN, S. C., & SILVA, T. R. D. Percepção da imagem corporal e nível socioeconômico em adolescentes: revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 29, p. 423-429, 2011.

PETROSKI, E. L.; PELEGRINI, A.; GLANER, M. F.. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 1071-7, 2012.

REIGADO, A. C. G. et al. **A Insatisfação com a Imagem Corporal em crianças e adolescentes: Relação com o Teasing, a Autoestima e as Redes Sociais**. Dissertação de Mestrado: Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Coimbra, 2022. 73 p.

ROCHA, Ana Beatriz Pereira; SANTOS, Michelly; MAUX, Suelly. Indústria Da Beleza Como Vetor Da Pressão Estética. In: **XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. 2019.

SCUTTI, C. S. et al. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem

corporal e o bullying. **Rev. Fac. Ciênc. Méd.** Sorocaba, v. 16, n. 3, p. 130-133, 2014.

SILVA, R. P.; MELO, E. A. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 4613-4622, 2021.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 16, n. 2, p. 223-235, 2015.

TAROZO, M.; PESSA, R. P. Impacto das consequências psicossociais do estigma do peso no tratamento da obesidade: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, e190910, 2020.

TEIXEIRA, M. S. S. P.; QUEIROZ, J. M. Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. **Revista Enlaçando**. 2017. Disponível em: "[http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID402\\_17072017210303.pdf](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf)". Acesso em: 19, nov., 2023.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Behind the numbers: ending school violence and bullying**. Paris: UNESCO; 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>. Acesso em: 19, nov., 2023.

VILHENA, J.; NOVAES, J.V.; ROCHA, L. Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. **Revista Subjetividades**, v. 8, n. 2, p. 379-406, 2008.